

A Imagem da Igreja no Pós-Vaticano II: O resgate da esponsalidade na superação de reducionismos imagéticos parciais

*The Image of the Church in Post-Vatican II:
The rescue of spousality in overcoming partial image
reductionism*

*Ney de Souza
Rodolfo Gasparini Morbiolo*

Resumo

A imagem da Igreja evolui com a história. Na variedade de imagens, modelos e cenários, e na integração de elementos facilitadores do processo hermenêutico torna-se possível contemplar o rosto da Igreja de Cristo no presente da história humana. O Documento sobre a Igreja do Concílio Vaticano II privilegiou duas grandes imagens eclesiais: Povo de Deus e Corpo de Cristo. Outras imagens, como a de Esposa de Cristo, acabaram ficando em segundo plano. O artigo abaixo recupera o recorte de uma pesquisa bibliográfica de mestrado, que aprofundou o tema da Igreja-Esposa na eclesiologia do Vaticano II, propondo este modelo eclesial em relação complementar aos salientados no Concílio, em vista da superação de reducionismos imagéticos. As referências bíblicas e patrísticas, presentes esparsamente nos outros documentos conciliares, reforçam a fecundidade deste paradigma. Além de uma abertura escatológica que privilegia o sonho e a esperança, legitimamente fundados na fé, a esponsalidade tem potencial de realizar na Igreja e no mundo, a unidade e a comunhão na história, pelo amor e por meio da diversidade.

Palavras-Chave: Vaticano II. Eclesiologia. Esponsalidade.

Abstract

The image of the Church evolves with history. In the variety of images, models and scenarios, and in the integration of elements that facilitate the hermeneutic process, it becomes possible to contemplate the face of the Church of Christ in the present of human history. The Document on the Church of the Second Vatican Council privileged two great

ecclesiastical images: People of God and Body of Christ. Other images, such as that of Wife of Christ, ended up taking a backseat. The article below retrieves the excerpt from a master's degree bibliographical research, which delved into the theme of the Spouse Church in the ecclesiology of Vatican II, proposing this ecclesiastical model in a complementary relationship to those highlighted in the Council, in view of overcoming imagetic reductionisms. The biblical and patristic references, sparsely present in other conciliar documents, reinforce the fruitfulness of this paradigm. In addition to an eschatological openness that privileges dream and hope, legitimately founded on faith, spousalism has the potential to bring about unity and communion in history in the Church and in the world, through love and through diversity.

Keywords: Vatican II. Ecclesiology. Spousality.

Introdução

Uma nova hermenêutica do Concílio Vaticano II, à distância de seis décadas deste evento eclesiológico e pastoral singular na história da Igreja, convida à superação de reducionismos imagéticos, pela leitura conjunta e contributiva de cada aspecto acentuado nas mais variadas imagens de Igreja, em sintonia com a ideia teológica de Hans Urs von Balthasar de que a “verdade é sinfônica”,¹ portanto ressoa no conjunto e promove consonância.

A imagem contribui para a contemplação de um aspecto parcial do mistério revelado, e acentua, por sua vez, uma certa prática eclesial. A imagem fala de um aspecto do “ser da Igreja”, e acentua o “ser na Igreja”, e por sua vez, fora da Igreja, na sua relação com o mundo.

Algumas imagens gozaram espaço no texto da Constituição sobre a Igreja (*Lumen Gentium*, LG) – Povo de Deus e Corpo de Cristo. Outras imagens não gozaram de espaço no documento para seu aprofundamento. É o que parece ter sucedido com a imagem sponsal – Esposa de Cristo, que acabou limitada à explicitação do ministério sacerdotal e à consagração da vida religiosa. Dizendo pouco, ou quase nada, de sua referência à relação da Igreja com a sociedade atual.

A professora Bárbara Pataro Buckler, doutora no tema da sponsalidade eclesial e no feminino da Igreja, escrevendo ao *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*, versa sobre o tema do martírio² e perseguição cristãos, tão presentes pastoralmente na missão da Igreja nas comunidades da América Latina e do Caribe. De fato, o testemunho cristão que, ainda hoje, pode até reclamar derramamento de sangue, une o cristão a Cristo pelo caminho da Cruz e da Ressurreição, brotando da fonte da união sponsal. Tal mistério do “ser da Igreja”, e do “ser na Igreja” e em sociedade, parecem ter ficado à margem do itinerário das imagens de Povo de Deus e Corpo de Cristo, próprias à Constituição sobre a Igreja do Vaticano II. É isto que ressalta o recorte da pesquisa para dissertação de mestrado de 2011 (PUC-SP), orientada pelo Prof. Dr. Ney de Souza (que

¹ BALTHASAR, H. U. von., *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*, p. 5.

² BUCKER, B. P., *Fé cristã e martírio*, p. 381-389.

também assina este artigo); recorte reproduzido e atualizado abaixo, publicado originalmente no todo em 2015.³

Resgatando as fontes da fé, conforme o espírito do Concílio, e aprofundando a abrangência e os limites da imagem sponsal na tradição que desemboca nos documentos do Vaticano II, este artigo ressalta comparativamente as contribuições eclesiológicas desta abordagem para o aprofundamento do mistério da Igreja, e para uma nova hermenêutica do respectivo Documento Conciliar jubilante, indispensável para sua vitalidade no presente e no futuro.

1. A ideia de Imagem e Modelo aplicada à fé à teologia

Faz-se oportuno, considerar a evocação deste artigo à terminologia teológica “imagem” aplicada à Igreja e seu significado histórico-dogmático. A autocompreensão que a Igreja tem de si mesma articula-se e evolui – enquanto assimila – com a história, influenciada por inúmeras variáveis, a saber: a “profissão de fé, liturgia, espiritualidade, reflexão teológica, expressão simbólica e artística”.⁴ E disto, o que se espera afirmar aqui, ao se falar de “imagem” da Igreja é exatamente sua representação na teologia, enquanto desenvolve as nuances do seu mistério enunciadas desde as Sagradas Escrituras, fonte de Revelação,⁵ bem como de sua articulação com as variantes histórico-ecclesiais enunciadas acima.

Heinrich Fries, acrescenta:

O termo de imagem da Igreja encerra, nesse contexto, um significado duplo: subentende a imagem no sentido de conceituação viva, de ideia clara formulada pela comunidade dos fiéis sobre o que é e deve ser a Igreja. Subentende, além disso, a imagem a figura concreta – em termos modernos – a imagem propiciada pela Igreja ao observador da época correspondente – esteja ele dentro ou fora da Igreja. [...] Uma historicidade assim entendida encerra a razão intrínseca de se processar real e necessariamente uma modificação da imagem da Igreja.⁶

Uma reflexão mais atual, apropriada à Bucker, preferiria usar a terminologia “modelo” em lugar de “imagem”, afirmando: “O problema epistemológico dos modelos é importante. São uma ponte entre o concreto da realidade e o abstrato do pensamento”.⁷ E

³ MORBILO, R. G., A Igreja Esposa na eclesiologia do Vaticano II, p. 96-116.

⁴ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 5-6. De fato, em linguagem teológica aqui se fala propriamente de “lugares teológicos”, isto é, a Igreja vive sua fé e desenvolve sua autocompreensão de fé de um modo explicitamente objetivo no tempo e na história; todos esses modos de ser Igreja podem caracterizá-la e referenciá-la, implicando sua interpretação – WIEDENHOFER, S., Eclesiologia, p. 54-56.

⁵ Entenda-se aqui o que se afirma a respeito da transmissão da Divina Revelação através da Sagrada Tradição e da Sagrada Escritura, intrinsecamente unidas neste processo – *Dei Verbum* (DV), 7-10. Bem como, sobre o lugar das Escrituras na vida da Igreja: “[A Igreja] sempre considerou as divinas Escrituras e continua a considerá-las, juntamente com a Sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus e escritas uma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos apóstolos” – DV, 21.

⁶ Acrescente-se: “Desse emaranhado inextricável de ideia e realidade resultam necessariamente certas tensões – o que não representa nenhum prejuízo para a causa da Igreja, mas antes sua expressão inevitável e sua figura a abarcar todas as dimensões” – FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 6.

⁷ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 60.

assim, parece tornar-se possível aperfeiçoar o significado das terminologias empregadas, equivalendo-as neste artigo, como segue explicado abaixo:

[...] modelo [e, conseqüentemente, como dantes, “imagem”], tem o significado de uma representação objetiva do ser da Igreja, que ajuda a responder múltiplas questões em torno da sua essência e a orientar comportamentos eclesiais. Trata-se de perceber melhor o caráter misterioso do ser eclesial, mas, ao mesmo tempo, de resolver os problemas práticos de sua existência histórica.⁸

Neste sentido verifica-se indispensável sua aplicabilidade ao estudo eclesiologia, e isto não apenas no singular, mas justamente no plural, para referir-se ao conjunto de características que expressam a eclesialidade nos mais diversos “lugares”⁹ da teologia.

2. A esponsalidade: aspectos bíblicos, históricos e teológicos

Na direção do comentário bíblico anotado de Schökel e Carniti,¹⁰ apenas parece-se ser possível mensurar a implicação da simbologia bíblica esponsal através da sua impressão nas reflexões que provocaram a vida teológica da Igreja primitiva ao longo dos primeiros séculos do cristianismo, bem como através do período medieval. E neste sentido, especificamente, tem lugar a afirmação de Bucker: “A eclesiologia medieval pensou a Igreja como Esposa de Cristo”.¹¹

Antes, porém, seguem algumas conclusões oriundas do exame da Escritura, pois é justamente desta fonte singular que os Padres da Igreja se alimentaram para desenvolver sua primitiva reflexão teológica sobre a esponsalidade: “[...] na própria explicação dos textos da Escritura, os Padres encontram a oportunidade para desenvolver o discurso da teologia bíblica [...]”.¹²

Fica evidente na leitura da projeção escatológica da Igreja-Esposa no livro Apocalipse uma postura ativa da Igreja diante da chegada iminente do Cristo-Esposo.¹³ Ela se prepara para sua chegada, isto é, tem as disposições necessárias para esperá-lo; mais que isto, está unida ao Espírito para invocar sua derradeira manifestação. Não é difícil associar esta imagem eclesial àquela própria da parábola das virgens do Evangelho,¹⁴ que aguardam a chegada do seu noivo com as disposições necessárias para seu encontro – elas têm condições de se preparar e, assim preparadas, no encontro, são acolhidas aos aposentos nupciais.

⁸ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 61. E também, DULLES, A., A Igreja e seus modelos, p. 11-32. Libanio faria criticar a utilização dessas terminologias, elencando suas limitações, e optando pelo uso da terminologia “cenário” – LIBANIO, J. B., Cenários da Igreja, p. 11-13.

⁹ MICHON, C.; NARCISSE, G., Lugares teológicos, p. 1055-1059.

¹⁰ SCHÖKEL, L. A.; CARNITI, C., Salmos I (salmos 1-72), p. 630-631.

¹¹ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 116.

¹² Cervera também faz referência a uma “inscrição marmórea do século II, chamada o epitáfio de Albérico”, na qual “se encontra uma síntese de vários elementos doutrinários importantes”, a saber: o tema da Igreja, Virgem casta que oferece um alimento espiritual e que se acha identificada com a Igreja de Roma - CERVERA, J. C., A Igreja, Esposa de Cristo, p. 150.

¹³ Ap 19,7-8; 21,2,9-10; 22,17.

¹⁴ Mt 25,1-13.

A mesma imagem, sem grande dificuldade, faz recordação da atitude de busca e do amor desejoso da personagem feminina do Cântico dos Cânticos:¹⁵ na sua independência e autonomia, “doente de amor”, sai ao encontro do seu esposo amado, com grande beleza e majestade, que lhe são apropriadas (ou lhe foram apropriadas) – exaltadas magistralmente no Salmo 45.

Também fica evidente no Apocalipse a concretização da imagem do Cristo-Esposo, enquanto Cordeiro-Vencedor,¹⁶ que realiza no mistério da sua Páscoa, conforme a descrição eclesial paulina: a eleição, a purificação e a acolhida da sua amada Esposa.¹⁷ Assim, estão unidos de modo irrevogável pelos laços de um amor esponsal, isto é, marital, como daquele do qual falaram Isaías, Jeremias e Ezequiel, com o qual Deus desposaria seu povo, para apagar seu passado ignominioso, e implantar, como que através de uma nova criação, uma nova vida, sob a imagem de um novo coração.

Enquanto caminha na história da humanidade, no afã da sua peregrinação ao encontro do Cristo-Esposo – que lhe seduz manifestando seu amor na gentileza da graça, esquecendo-se de suas mazelas – a Igreja-Esposa é convidada a reconhecer-se, ao mesmo tempo, amada na sua totalidade misteriosa (pois já recebeu o gérmen do amor, na redenção divina), mas também cooperadora de comunhão, enquanto, nos indivíduos que a compõem, faz-se chamada a ser aquilo que autodenominou João Batista¹⁸ no Evangelho joanino – os verdadeiros amigos do Cristo-Esposo, que experimentam a alegria de contemplar aqueles que foram chamados à nova criação, tornarem-se, assim, escolhidos, pois se deixaram vestir por seu Senhor de uma nova dignidade; a sua própria dignidade comunicada para a salvação.

Assim, na interpretação de Bucker, a patrística cristã compreenderá que “o mistério da Igreja consiste na comunhão da humanidade com Cristo, pela obra do Espírito”,¹⁹ e que “esta comunhão realiza a obra da redenção”,²⁰ de modo que o próprio mistério da encarnação já carrega, em si mesmo, simbologia esponsal, não como mera representação, mas como concretização de um desígnio divino de união de todo gênero humano em Jesus Cristo.²¹

Fries ressalta, que no contexto da compreensão primitiva da Igreja como “mistério”²² e do esboço de suas características através de “enunciados bíblicos”,²³ emerge a imagem da Igreja como “Esposa de Cristo”,²⁴ enquanto “enunciado da aliança de amor de Deus com a comunidade que elegeram e destinada a atingir a verdadeira plenitude por Jesus Cristo, pois foi nele que se tornou evento e realidade a união de Deus com a

¹⁵ Ct 2,5; 5,8.

¹⁶ Ap 5,6.

¹⁷ Ef 5,21-33.

¹⁸ Jo 3,29.

¹⁹ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 117. Temática central consignada em LG, 4.

²⁰ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 117.

²¹ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 117-118.

²² FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 6-16.

²³ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 8.

²⁴ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 10. Entre outras imagens bíblicas altamente significativas, a saber: “Novo Povo de Deus”, “Corpo cuja cabeça é Cristo”, “Casa ou Templo de Deus”, “Comunhão dos Santos”, “Igreja de pecadores”, “Mãe”, “Coluna e Fundamento da Verdade”, etc. – FRIES, H. Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 8-12.

humanidade”.²⁵ E acrescenta:

A imagem da Igreja como Esposa de Cristo apresenta de maneira acentuadamente ilustrativa um vigor não só indicativo, mas também parenético, enunciando a missão e o dever da Igreja, de ser a comunidade dos que creem, esperam, obedecem, servem, procuram e amam [...].²⁶

Desta reflexão primordial, pode decorrer, fundamentalmente, a compreensão sponsal da pregação do Evangelho, enquanto “chamada e convite à Igreja para ser a Esposa”,²⁷ e a sponsalidade da cruz, como nova criação, e assim: “A analogia de Eva, que surge da costela de Adão, é aplicada por muitos padres à Igreja que nasce da costela (lado) de Cristo na cruz”,²⁸ e disto: “A morte de Cristo na cruz faz da Esposa, Mãe”.²⁹

Daqui derivam outras variações sobre o mesmo tema, a saber: “a Igreja é comparada à Esposa pelo fato de receber dotes que o Esposo faz à Esposa”,³⁰ e vai se acentuando cada vez a estreita relação simbólica entre a Igreja e Maria,³¹ ambas são Mãe e Virgem.³² Cervera ressalta aqui o papel preponderante de Orígenes que aplica espiritualmente à Igreja Esposa de Cristo a chave de interpretação que a lê santa e irrepreensível.³³ Disto decorre sua “fecundidade pura de gerar os filhos de Deus e os novos povos, mediante os sacramentos”.³⁴

Assim, do mistério da Igreja-Esposa na sua totalidade, caminha-se também para a reflexão da vida de cada cristão e do seu acesso a graça que é própria da eclesialidade. Cervera resume: “o mistério da Igreja-Esposa se realiza em cada cristão, mediante os sacramentos da fé”.³⁵

O Batismo “torna-se, assim, na tipologia dos padres, o mistério das núpcias de Cristo com a Igreja, o cumprimento da aliança, o momento em que se vive sacramentalmente em cada um tudo o que aconteceu para a Igreja na cruz”,³⁶ e pela Eucaristia “a Igreja-Esposa se une a Cristo-Esposo, [...] dele se nutre, torna-se uma só coisa com o Esposo, [...] que ama a sua Igreja e se dá a Si mesmo por ela”.³⁷ Finalmente, a celebração pascal não é outra coisa senão, da parte de Cristo-Esposo ressuscitado, “a

²⁵ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 10.

²⁶ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 10.

²⁷ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 119.

²⁸ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 119.

²⁹ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 119. Acrescente-se: “[...] esta ideia da maternidade da Igreja pela cruz é especialmente querida pelos padres latinos. A maternidade da Igreja tem abundantes provas na Patrística: *Pastor de Hermas, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Metódio, Atanásio*” – FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 119-120.

³⁰ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 121.

³¹ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 122.

³² Recorde-se, porém, como afirma Cervera, que a temática tem raízes antigas: Clemente Romano o afirma em suas Cartas, embora seja Clemente de Alexandria quem desenvolve a reflexão de modo mais completo – CERVERA, J. C., *A Igreja, Esposa de Cristo*, p. 151; e também, TIHON, Paul., *A Igreja*, p. 315.

³³ CERVERA, J. C., *A Igreja, Esposa de Cristo*, p. 151.

³⁴ CERVERA, J. C., *A Igreja, Esposa de Cristo*, p. 154.

³⁵ CERVERA, J. C., *A Igreja, Esposa de Cristo*, p. 155.

³⁶ Acrescente-se: “[...] o seu nascimento do costado de Cristo, lavada no sangue e na água” – CERVERA, J. C., *A Igreja, Esposa de Cristo*, p. 155.

³⁷ CERVERA, J. C., *A Igreja, Esposa de Cristo*, p. 156.

noite do encontro [nupcial] com a Igreja-Esposa e é o dia da fecundidade”.³⁸

Também são distintos três níveis da sua esponsalidade:

i. Em Agostinho e Jerônimo entende-se a Igreja como Esposa no sentido da hierarquia, “que sofre como dores de parto até que se forme Cristo no povo de Deus”;³⁹

ii. A Esposa, também, é entendida apenas como povo de Deus, enquanto o Esposo, simbolicamente, pode ser reconhecido na figura de São José⁴⁰ e dos bispos;⁴¹

iii. Finalmente, em Orígenes, Gregório Niceno, Cirilo de Alexandria e Gregório Magno, surge uma visão de síntese que associa tanto a hierarquia como o povo de Deus, em unidade, sob a égide da Esposa.⁴²

A reflexão dos padres também caminha no horizonte da associação de dois elementos identitários em oposição: a santidade e o pecado.⁴³ Neste sentido, afirma Bucker:

Daí a tensão entre a Esposa do Cordeiro do Apocalipse, Igreja sem mancha nem ruga, e a Igreja no caminhar da história. Os padres falam da Igreja santa enquanto tem os sacramentos, mas pecadora enquanto seus membros não são o que deveriam ser.⁴⁴

Paul Tihon, considerando as dificuldades internas da comunidade cristã primitiva, acrescenta:

O pequeno grupo daqueles e daquelas que se consideravam os santos e os eleitos via-se agora congregando numerosíssimas comunidades em que se acotovelavam pessoas cujo compromisso era manifestamente muito diverso. A Igreja se compunha, sem dúvida, de santos, mas também de pecadores. Nos inícios, as situações escandalosas podiam ser resolvidas caso por caso. Multiplicando-se esses casos, a questão assumia outra dimensão. A natureza da Igreja estava em causa. [...] Para além das divergências disciplinares, são duas as eclesiologias que se defrontam. A Igreja é um pequeno rebanho de puros, ou a reunião de pecadores que se descobre chamada pela graça e, a essa luz, bem ou mal, caminha como pode?⁴⁵

A síntese desse desenvolvimento teológico, no medievo, é recolhida por Cervera⁴⁶ de modo especial dos “autores espirituais medievais e modernos” para afirmar que “o despertar eclesiológico deste século recupera a imagem da Igreja-Esposa na reflexão

³⁸ CERVERA, J. C., A Igreja, Esposa de Cristo, p. 157.

³⁹ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 122.

⁴⁰ De acordo com Beda, Crisóstomo e Ambrósio – BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 122-123.

⁴¹ De acordo com Eusébio e Agostinho. Tertuliano vê Pedro como Esposo da Igreja. Paciano e Efrém, os sacerdotes – BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 123.

⁴² BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 123.

⁴³ TIHON, P., A Igreja, p. 313-314.

⁴⁴ Tem papel fundamental nesta discussão Agostinho, e antes dele Cipriano de Cartago – BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 123.

⁴⁵ TIHON, P., A Igreja, p. 313-315.

⁴⁶ CERVERA, J. C., A Igreja, Esposa de Cristo, p. 159-163. A saber, autores como: Santa Hildegarda, Pedro de Celle, Juliano de Vezelay, Guilherme de Saint Thierry, entre outros – CERVERA, J. C., A Igreja, Esposa de Cristo, p. 159-160.

teológica, para repropô-la sob diversos aspectos na eclesiologia do Vaticano II”. E assim a teologia da Igreja, como Esposa de Cristo, ao longo do período medieval, fará seu trânsito conceitual da Igreja-Esposa à alma-esposa, apoiada especialmente nos desenvolvimentos de Orígenes, aprofundados por São Bernardo que acabou por ampliar “o significado eclesial ao das almas em particular, justamente em virtude da união de cada cristão com a Igreja”;⁴⁷ também presentes na reflexão espiritual de São Francisco de Assis.⁴⁸

Fries⁴⁹ enfatizaria mais detalhadamente este processo recordando a importância da arquitetura sacra na conservação da teologia dos Padres dos primeiros séculos do cristianismo, a saber:

O estilo gótico não só se explica pelo motivo do Império [no auge da era constantiniana], mas pelo *motivo do Mistério*, que continua a existir ao lado do motivo do Império sob a imagem autêntica da Igreja com Corpo e Esposa de Cristo. Essa imagem está viva e – literariamente – presente na imagem da Igreja na forma em que se precipita, não tanto na Canônica, mas nas grandes sumas teológicas, nos tratados sobre a Graça e a Redenção, bem como na Exegese medieval, ainda pouco exaurida eclesiologicamente, e nos comentários escriturísticos. Sobretudo nos numerosos comentários ao Cântico dos Cânticos e ao Apocalipse traçava-se a imagem duma Igreja sem mancha, nem rugas, duma Santa Igreja celeste, que teve sua expressão na arquitetura do estilo gótico, que vive na piedade mística, que representa, ao lado da Escolástica como forma de ciência teológica, uma força determinante da alta Idade Média. Ao teólogo associa-se o místico, a quem o ardor, a comoção, a contemplação, a adoração parecem valer mais do que a ciência e ilustração.⁵⁰

As consequências do exposto acima são bastante profundas no coração do medievo, uma vez que, se fortalece a “convicção de que a Igreja autêntica e verdadeira consiste na comunhão dos santos, que não coincide, de modo algum, com os limites externos da Igreja visível”,⁵¹ uma espécie de “Igreja espiritual”, com também de “Igreja oculta” e “Igreja invisível”. Neste cenário de contrastes despontam, além dos já citados Bernardo e Francisco, Joaquim de Fiore, Henrique Suso e João Tauler, fazendo irromper em associação e oposição à imagem de Cristo como Imperador, a “imagem do homem Jesus padecente e crucificado, redundando numa mística da Paixão extremamente viva e interiorizada”.⁵²

⁴⁷ CERVERA, J. C., A Igreja, Esposa de Cristo, p. 160.

⁴⁸ Acrescente-se a contribuição de autores bizantinos, exemplificados em Nicolau Cabasilas, bem como no trabalho sponsalício de Santa Teresa de Jesus, visto como continuidade desse desenvolvimento teológico-espiritual, sem descurar da importância mística do simbolismo sponsal de São João da Cruz. E disso decorre ainda a compreensão de “Igreja particular”, enquanto “grupo eclesial que vive, na comunhão da fé e do amor, sua experiência eclesial”, como Esposa de Cristo, oriunda da reflexão de Dionísio, o Cartuxo – CERVERA, J. C., A Igreja, Esposa de Cristo, p. 160-161.

⁴⁹ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 26.

⁵⁰ Acrescente-se: “Cria-se assim um novo relacionamento entre indivíduo e Igreja, que não se resume na Igreja como instituição e objetivação, mas se apoia naquelas realidades por causa das quais existem instituições e objetivações; devendo a Igreja se moldar por essas realidades na vida espiritual concreta” – FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 26.

⁵¹ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 26.

⁵² FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 27.

Fries sintetiza os desenvolvimentos eclesiológicos medievais recordando que ao lado do imperialismo eclesial apropriado a este período histórico, cresce, desenvolve e se fortalece uma “imagem da Igreja pobre servçal, que vê sua imagem interior em Jesus Homem, na Paixão e na Cruz, e reassume o motivo do Mistério”,⁵³ bem como uma “imagem da Igreja sem manchas nem rugas”⁵⁴ e, para além, uma “imagem da Igreja dos Santos [...] que origem e destino aponta para a Igreja celestial e, no presente, vive, como Igreja oculta, nos corações dos homens”.⁵⁵ Logo, a mentalidade eclesial fazia-se pululada de imagens ao sabor dos diversos interesses teológicos que engendravam.

É esta a Igreja, que caminha contestada pela Reforma, rumo ao Concílio de Trento, que acabará optando entre outras prerrogativas às de “visibilidade eclesial”, isto é, “pela objetivação dos conteúdos da fé e dos sete sacramentos, pela instituição, por sua direção pelos legítimos pastores”,⁵⁶ de modo especial pela supremacia do Pontífice Romano, o Vigário de Cristo. Uma Igreja apologética e triunfalista.⁵⁷ Uma Igreja centrada em si mesma, distante do mundo, que a recusa.⁵⁸

Paulatinamente, a Igreja-Esposa-de-Cristo parece ter se tornado pretensa Rainha-de-Cristo-no-Mundo, e de uma relação de intimidade na alteridade, optou-se por uma relação de autoridade. Esta parece ser a imagem da Igreja que caminha ao encontro da reflexão conciliar no Vaticano II: uma Senhora poderosa arrastando-se a si e aos seus pela história do mundo. A Esposa de Cristo parece que houvera perdido sua união com seu divino Esposo, e caminhava sozinha com suas estruturas de manutenção.⁵⁹

3. A sponsalidade na eclesiologia do Vaticano II

O Concílio Vaticano II, pastoral sem deixar de ser dogmático, com vontade de renovação, põe seus “olhos voltados para sua origem normativa: Jesus Cristo, e no testemunho dele”,⁶⁰ e lê a missão da Igreja não segundo a manutenção da sua sustentabilidade histórica, mas segundo “sua missão no tempo e para os homens deste tempo”:⁶¹ comunicadora do mistério de amor que a redime e a une ao seu Senhor.

Na Constituição sobre a Igreja, a sponsalidade remete à realização futura e escatológica, esta é descrita como “a esposa imaculada do Cordeiro”⁶² chamada, por isso mesmo, à santidade;⁶³ vive na expectativa do encontro escatológico com seu Esposo-Cristo,⁶⁴ ansiando por esta meta na expectação do Espírito, no qual e através do qual

⁵³ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 28.

⁵⁴ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 28.

⁵⁵ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 28.

⁵⁶ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 36-37.

⁵⁷ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 38.

⁵⁸ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 39-46.

⁵⁹ A opinião aqui desenvolvida não ignora que no início do século XX os movimentos históricos e eclesiais já prenunciavam novas intenções teológicas que acabaram por eclodir no Concílio Vaticano II – FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 49-55.

⁶⁰ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 51.

⁶¹ FRIES, H., Modificação e evolução da imagem da Igreja, p. 51

⁶² LG, 6.

⁶³ LG, 39.

⁶⁴ LG, 4.

procura crescer na fidelidade⁶⁵ ao amor d'Aquele que amando-a entregou-se por ela.

A Constituição sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum* (DV), declara um carisma especial que configura a Esposa de Cristo em relação às Escrituras, isto é, ela é dotada de uma espécie de inteligência particular em vista da sua compreensão e comunicação, sob a assistência do Espírito Santo.⁶⁶

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrossanctum Concilium* (SC), por sua vez, frisa que o lugar apropriado ao encontro ou união sponsal da Igreja-Esposa e do Cristo-Esposo não é outro senão a ação litúrgica, na qual “Cristo sempre associa a si a Igreja”,⁶⁷ confiando a ela o sacramento do seu Corpo e Sangue, isto é, a Eucaristia.⁶⁸ E neste sentido específico, figura a oração litúrgica, como “a voz da Esposa que fala ao Esposo”,⁶⁹ enquanto celebra ao longo do ano litúrgico “a obra salvífica do seu divino Esposo”.⁷⁰

Finalmente, a experiência da comunhão nupcial se faz ressaltada dos ministérios aos quais se dedicam parcela do povo de Deus em sinal de consagração e doação total a Cristo: os religiosos,⁷¹ os sacerdotes,⁷² mas também os cônjuges⁷³ que neste amor sponsal inspiram sua afeição e doação mútua.

Não obstante o exposto acima, a sponsalidade não foi uma imagem hermenêutica privilegiada como a de Povo de Deus e Corpo de Cristo na Constituição sobre a Igreja. Para se ter uma ideia da sponsalidade nos textos conciliares fez-se necessário pinçar citações na variedade documental. Acrescente-se, ainda o que declara Cervera, com relação à reflexão teológica em relação aos textos conciliares:

Não obstante esta riqueza conciliar, podemos afirmar que o tema da Igreja-Esposa não teve uma influência determinante na teologia: os comentários aos textos conciliares são antes sóbrios e se limitam a repetir a síntese bíblica do Vaticano II.⁷⁴

É inegável, contudo, que haja sinais de sponsalidade, isto é, de união na concepção da Igreja em relação a Cristo, presentes no itinerário teológico que o Vaticano II imprimiu na Igreja. Faz-se oportuno recordar, que tanto o Papa Paulo VI,⁷⁵ como o Papa João Paulo II,⁷⁶ desenvolveram reflexões apropriadas à sponsalidade da Igreja, enfatizando, no pós-Concílio: a Igreja como lugar do encontro com Cristo, e o outro, a Igreja como dom de Esposa para o mundo e para a sociedade. Talvez sejam os desenvolvimentos mais significativos desde a teologia medieval da sponsalidade.

Papa Paulo VI, afirmando a Igreja como “ponto de encontro do amor de Cristo por

⁶⁵ LG, 8.

⁶⁶ DV, 8 e 23.

⁶⁷ SC, 7.

⁶⁸ SC, 47.

⁶⁹ SC, 84-85.

⁷⁰ SC, 102.

⁷¹ *Perfectae Caritatis* (PC), 12; LG, 44

⁷² *Presbyterorum Ordinis* (PO), 16.

⁷³ LG, 41; *Gaudium et Spes* (GS), 48.

⁷⁴ CERVERA, J. C., *A Igreja, Esposa de Cristo*, p. 165.

⁷⁵ PAOLO VI, PP. *Udiencia generale (Mercoledì, 15 giugno 1966)*.

⁷⁶ *Mulieris Dignitatem* (MD), 27.

nós”, assim refletiu:

Que a Igreja seja esposa é mistério de caridade, de enamoramento de Deus, mediante Cristo, no Espírito Santo, do mundo, da humanidade, da Igreja; a epígrafe da Igreja pode ser: ‘Assim Deus amou’; ‘Pelo grande amor’; ou então: ‘Cristo nos amou’ [...] Este mistério nos ensina o amor acima de todo amor que Cristo nutriu pela Igreja; ensina-nos a união íntima e indissolúvel e ao mesmo tempo a distinção de Cristo e da Igreja; ensina-nos que a Igreja não princípio nem fim em si mesma; ela é de Cristo, dele recebe a sua dignidade, a sua virtude santificadora, a sua humilde e excelsa realeza; [...] revela-nos que a Igreja é o ponto de encontro do amor de Cristo por nós: a casa das núpcias.⁷⁷

A “casa das núpcias” é indubitavelmente o lugar do encontro; lugar onde se estabelece a união e a comunhão entre os esposos: “a Esposa unida ao seu Esposo, unida porque vive a sua vida”.⁷⁸ Assim, a Igreja experimenta pelo mistério do sacerdócio de Cristo, enfatizou o Papa João Paulo II, sua vocação de manter-se “unida de maneira a responder com um ‘dom sincero de si mesma’ ao dom inefável do amor do Esposo, Redentor do mundo”.⁷⁹ Esta se tornou a vocação de todos os batizados, na Igreja, tanto homens como mulheres, todos foram feitos Esposa de Cristo na ordem da graça.

4. Avaliação crítica da esponsalidade⁸⁰

Na mesma direção daquilo que Cervera afirmou sobre o modo como a teologia moderna e contemporânea elaborou esta temática, Buckler insiste em uma tentativa de síntese dessa abordagem esponsal na teologia, a qual, muitas vezes no período medieval, foi instrumento para “censurar os defeitos da Igreja”,⁸¹ principalmente daqueles que a conduziam. Congar cita a imagem esponsal como apropriada aos Padres da Igreja e aos teólogos medievais.⁸² Mersh e Balthasar usam da imagem para refletir suas construções teológicas.⁸³ Na opinião de Buckler, Vonier “é um teólogo importante na Eclesiologia da Esposa”,⁸⁴ pois “o desejo de manter uma distinção entre uma Igreja escatológica e outra peregrinante aparece tanto na eclesiologia do Povo como na Eclesiologia da Esposa”,⁸⁵ fazendo uma distinção com relação entre a Igreja-noiva e a Igreja-Esposa.

Buckler, ainda, procurando avaliar criticamente a imagem esponsal, ou o modelo da Esposa, situa-o, primeiramente frente ao Modelo do Corpo de Cristo, e afirma:

Ao apresentar um modelo cuja plenitude é escatológica, e cuja unidade é orgânica, o modelo de Corpo não permite suficientemente a confrontação com um processo histórico. As

⁷⁷ PAOLO VI, PP. *Udienda generale (Mercoledì, 15 giugno 1966)*.

⁷⁸ MD, 27.

⁷⁹ MD, 27.

⁸⁰ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 126-128.

⁸¹ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 124.

⁸² BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 124.

⁸³ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 124-125.

⁸⁴ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 125.

⁸⁵ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 125-126.

vantagens que destacamos do modelo da Esposa para superar dialeticamente os limites do modelo de Corpo são três: diante do aspecto da unidade que só é perfeita na escatologia, temos a vantagem de uma unidade construída na história; diante de uma unidade provocada pela lei, temos uma unidade garantida pelo amor; diante de uma unidade reduzida à uniformidade, podemos encontrar uma unidade na diversidade.⁸⁶

Depois o situa frente ao modelo de Povo de Deus, como segue:

O modelo de Povo carece do aspecto da organicidade do modelo de Corpo; [...] o modelo de Esposa permite recolher o valor da unidade ‘orgânica’ em um sujeito vivo, mas ao mesmo tempo difere da Pessoa de Cristo. Trata-se de unidade sim, inclusive pensada em termos tão vigorosamente unitários como o de ‘uma só carne’, mas ao mesmo tempo trata-se de alteridade. E esta unidade na alteridade, conseguida no amor, não é um dado já conseguido e estabelecido de forma permanente, mas um projeto buscado e pretendido através de um processo carregado de vicissitudes históricas.⁸⁷

E assim, as vantagens do modelo espousal, apropriadas a este artigo, objetivamente, se caracterizam tanto pela organicidade de uma pessoa na alteridade da relação com Cristo, quanto pela unidade amorosa que se identifica permanentemente com as preferências do Esposo.⁸⁸

E completa:

O modelo eclesiológico da Esposa existe na Igreja, sobretudo para mostrar a relação de conversão e do viver totalmente para o Esposo, [...] O que é essencial na eclesiologia é precisamente esta relação fundamental da Igreja com Cristo para evitar o perigo de viver a Igreja isolada em si mesma, sem Cristo e sem a ação do Espírito Santo. Este perigo não é evitado pelo simples fato de a Igreja dedicar-se às ‘coisas espirituais’; deve fazê-lo no Espírito e como Esposa de Cristo.⁸⁹

E disto, decorre na compreensão da teóloga: “Se o feminino tem uma grande importância para a vida da humanidade, porque a mulher é companheira, Esposa e mãe, podemos suspeitar que tenha também uma grande importância para a eclesiologia”.⁹⁰ Este feminino não significa outra coisa senão “àquela parte da humanidade consagrada pelo Espírito para ser sinal visível do mistério que acontece em Cristo”.⁹¹

Finalmente, Bucker ressalta que esta imagem espousal ou modelo de Igreja-Esposa também carrega limites insinuados na sua instrumentalização no discurso teológico pelo viés do “intimismo”, isto é:

Esta limitação é produzida pela forma ideologizada como a mulher como Esposa tem sido apresentada na sociedade, ocupando-se exclusivamente de tarefas domésticas. Com esta ideia, o projeto missionário do Esposo, que é o Reino, seria uma dimensão desatendida. [...]

⁸⁶ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 128-129.

⁸⁷ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 131.

⁸⁸ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 131.

⁸⁹ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 134.

⁹⁰ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 135.

⁹¹ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 135.

A Igreja é companheira na grande obra da salvação realizada por Cristo-Esposo; ela é o primeiro fruto e modelo para a humanidade, ela conduz a todos os povos, como apresenta o Apocalipse, no encontro com o Esposo, amorosamente chamado quando ela diz: ‘Vem’.⁹²

Para Buckler, o caminho para a superação destes limites conceituais a respeito do feminino, que comprometem o modelo da Esposa na teologia, pode vir de uma releitura dos grandes temas teológicos, justamente a partir da eclesiologia da Esposa – a Trindade, o Serviço do Reino, a Mariologia –, de modo a inserir no imaginário teológico, novos elementos hermenêuticos de união e comunhão eclesial.⁹³

O método utilizado por Buckler para distinguir as vantagens e desvantagens do modelo sponsal, isto é, relacionando-o com os outros modelos, ressalta que nenhum deles, em sua unilateralidade, são suficientes em si mesmos, para descrever a totalidade do mistério da Igreja. Antes, mostra que na pluralidade e na integração teológica de modelos, imagens e cenários, o mistério da Igreja reflete sua vitalidade e comunica sua variedade.

Conclusão

Não é apenas o Concílio que comemora sessenta anos de história, mas com ele a Constituição Dogmática que mais sofreu transformações desde os esquemas preparatórios até sua conclusão às vésperas do encerramento do Vaticano II. Se o Concílio não se preocupou com sínteses, nem com anátemas, mas com a manifestação de inúmeras nuances do mistério eclesial, que se manifesta historicamente na Igreja Católica, esta característica também se contempla na heterogeneidade dos capítulos e “modelos” que integram a Constituição sobre a Igreja.

A teologia contemporânea, e a prática eclesial, ambas têm enfatizado a grande relevância do modelo Povo de Deus e seus valores comunionais inegáveis. Contudo, será verdade que a visão do todo se contempla desde esta referência teológica? Conforme refletido acima, parece haver neste modelo, uma certa dissolução no múltiplo da Igreja, ficando difícil distinguir o que é próprio de cada um e como cada qual colabora com a identidade comunitária com virtudes, dons e carismas específicos. Por outro lado, no modelo Corpo de Cristo tampouco se contempla o todo, pois tudo se reduz a Cristo, ficando também cada qual indistinto de seu Senhor e Mestre, pela supressão da individualidade e da singularidade.

Afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG) que “o todo é superior a parte”.⁹⁴ E isto se aplica, evidentemente a tudo que diz respeito à Igreja. Por isso, a ideia teológica de Balthasar, enunciada na introdução deste artigo, se faz oportuna e válida: se há uma consonância sinfônica no mistério da verdade e na sua comunicação, tal ideia evidencia a importância de procurar uma visão de conjunto que integre as partes no todo, evidenciando a grandeza do todo, e a singularidade de cada parte.

No que diz respeito às imagens ou modelos de Igreja isto se aplicaria no sentido de

⁹² BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 135.

⁹³ BUCKER, B. P., O feminino da Igreja e o conflito, p. 135.

⁹⁴ EG, 234-237.

aprofundar a reflexão sobre o todo do mistério da Igreja, não se limitando ao assinalado no texto da Constituição sobre a Igreja do Vaticano II, mas recolhendo na tradição eclesial e da teologia, anterior e posterior, outras “partes” que dão sentido ao testemunho eclesial na sociedade atual, e acrescentam à hermenêutica privilegiada no Concílio.

A imagem esposal, e seu decorrente modelo, além de uma abertura escatológica que privilegia o sonho e a esperança, legitimamente fundados na fé, tem potencial de realizar na Igreja e no mundo, a unidade e a comunhão na história, pelo amor e por meio da diversidade. Valoriza a alteridade na sua integridade, como pessoas em relação no povo, unindo-se à teologia do “encontro”⁹⁵ com Cristo, e com a cultura do “encontro”⁹⁶ com o próximo, propugnadas pelo magistério petrino atual na *Fratelli Tutti* (FT).

É ainda princípio hermenêutico para a ampliação da teologia do testemunho e do martírio, enquanto união com Cristo e com o próximo, no serviço da fé aos irmãos e irmãs. E reflete o itinerário da teologia latino-americana e caribenha, enunciada nas suas Conferências Episcopais, na valorização dos pequeninos do Evangelho, aqui evidenciados nos pobres e nos jovens, e nos demais destinatários do Evangelho, também as mulheres, partes por vezes descartadas e subentendidas nos modelos gerais e abrangentes.

A imagem feminina da Igreja-Esposa fala ao coração da Igreja, desta união com Cristo e de serviço ao próximo com amor de mãe, profundamente refletido na atualidade da experiência eclesial sob os exemplos de Santa Tereza de Calcutá, de Santa Dulce dos Pobres e de tantas outras, e outros, que fizeram de suas vidas expressão de zelo pela Casa de Deus feita de carne e ossos, cada ser humano, que perambula pela terra em busca de dignidade, respeito e solidariedade. Neste sentido, o modelo Esposa de Cristo fala de um verdadeiro humanismo de relação, com Cristo, e das pessoas entre si em busca de seu encontro com Deus.

Em suma, desabrocha ainda a esperança, que vencendo todos os reducionismos imagéticos, há distância de sessenta anos da promulgação da Constituição sobre a Igreja do Vaticano II, o Concílio continue mostrando-se capaz de fazer-se e refazer-se, integrando modelos, ampliando horizontes, mantendo-se aberto à voz do Espírito que deseja fazer rejuvenescer e comunicar a Igreja aos novos tempos da vida do mundo, na inviolabilidade de sua verdade, mas também na condescendência da sua mensagem de salvação.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. SP: Paulus, 2002.

CERVERA, J. C. A Igreja, Esposa de Cristo: dos autores medievais ao Vaticano II. In: MAGNOLFI, M.; et alli. **A Igreja e seu mistério/I**. SP: Cidade Nova, 1984, 159-165.

CERVERA, J. C. A Igreja, Esposa de Cristo: nos Padres da Igreja e na Liturgia. In: MAGNOLFI, M.; et alli. **A Igreja e seu mistério/I**. SP: Cidade Nova, 1984, p. 150-158.

DULLES, A. **A Igreja e seus modelos**: Apreciação crítica da Igreja sob todos os seus

⁹⁵ EG, 2-8.

⁹⁶ FT, 30.

aspectos. São Paulo: Paulinas, 1978.

BALTHASAR, H. U. von. **A verdade é sinfônica**: aspectos do pluralismo cristão. São Paulo: Paulus, 2016.

BUCKER, B. P. Fé cristã e martírio: alegria de crer desde o testemunho. In: BRIGHENTI, A.; PASSOS, J. D. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas / Paulus, p. 381-389, 2018.

BUCKER, B. P. **O feminino da Igreja e o conflito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2019.

FRIES, H. Modificação e evolução da imagem da Igreja. In: FEINER, J.; LOEHRER, M. (Ed.). **Mysterium Salutis**. Compêndio de dogmática histórico-salvífica. v.IV/2. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 5-59.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta apostólica Mulieris Dignitatem**: sobre a vocação por ocasião do ano mariano. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

LIBANIO, J. B. **Cenários da Igreja**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MICHON, C.; NARCISSE, G. Lugares teológicos. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2004, p. 1055-1059.

MORBIOLO, R. G. **A Igreja Esposa na eclesiologia do Vaticano II**. Curitiba: Prisma, 2015.

PAOLO VI, PP. **Udiienza generale (Mercoledì, 15 giugno 1966)**: la mística Sposa di Cristo e Madre dei cristiani. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1966/documents/hf_p-vi_aud_19660615.html>. Acesso em: 03 out. 2023.

SCHÖKEL, L. A.; CARNITI, C. **Salmos I (salmos 1-72)**: Tradução, introdução e comentário. São Paulo: Paulus, 1996.

TIHON, P. A Igreja. In: SESBOÜÉ, Bernard (Dir.). **Os sinais da salvação (séculos XII-XX)**. v.3. São Paulo: Loyola, 2005, p. 285-463.

VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*: sobre a Revelação Divina. In: **Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 347-367.

VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: **Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)**. 4.ed. SP: Paulus, 2007, p. 101-197.

VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 539-661.

VATICANO II. Constituição *Sacrossanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia. In: **Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 33-86.

VATICANO II. Decreto *Perfectae Caritatis* sobre: a conveniente renovação da vida religiosa. In: **Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)**. 4.ed. SP: Paulus, 2007, p. 277-295.

VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: **Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965)**. 4.ed. SP: Paulus, 2007, p. 491-538.

WIEDENHOFER, S. Eclesiologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de dogmática**. v.2. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 50-142.

Ney de Souza

Pós-doutor em Teologia (PUC-Rio), Doutor em História Eclesiástica (Gregoriana).
Docente e pesquisador no Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia (PUC-SP).
São Paulo, SP – Brasil
E-mail: nsouza@pucsp.br.

Rodolfo Gasparini Morbiolo

Mestre em Teologia pela PUC-SP (2011), Doutorando em Teologia pela PUC-SP,
Professor no Instituto de Teologia “São João Paulo II” da Arquidiocese de Sorocaba
Sorocaba, SP – Brasil.
E-mail: rodolfo.morbiolo@gmail.com.

Recebido em: 09/10/2023

Aprovado em: 12/03/2024